

O CONCEITO DO יַם-סוּף EM UMA BREVE VISÃO VÉTERO E NEOTESTAMENTÁRIA*

Joaquim Azevedo Neto
Isael Santos Souza

RESUMO

Objetiva-se com este artigo analisar a sugestividade escriturístico-geográfica do termo *Yam Sûph*, expressão bíblica referida ao complexo de águas que os israelitas atravessaram quando em sua saída do Egito. Será analisado se, de fato, há sustentabilidade textual para a consideração do *Yam Sûph* como sendo o Golfo de Suez ou se, preferivelmente, seria mais promissor e confiável a proposta favorecente à identificação *Yam Sûph* como os lagos Balah e ou Timsah.

ABSTRACT

This article has aims to analyze the scriptural and geographical meaning of the name *Yam Sûph*, a biblical expression that refers to the waters which the Israelites crossed when they went out of Egypt. It will be analyzed if, in fact, there is textual support to consider *Yam Sûph* as the Gulf of Suez or if it would be more in favor of the identification of *Yam Sûph* as the Balah or Timsah lakes.

INTRODUÇÃO

Considerando-se o abismo geográfico e o arcabouço de tempo transcorrido que, certamente, modificaram a face do cenário do êxodo

*O presente trabalho reúne reflexões do Projeto de Iniciação Científica do aluno de Teologia do SALT/IAENE Isael Santos de Souza, o qual faz parte do Projeto de Pesquisa do Prof. Dr. Joaquim Azevedo Neto, sob o título “*Estudos Massoréticos*”. Dr. Joaquim Azevedo Neto, Ph.D Antigo Testamento, editor da Revista *Hermenêutica*, professor do SALT/IAENE. (Orientador)

ao longo dos anos¹, é fácil encontrar atualmente, personalidades com mentes cheias de raciocínios inquiridores a questionarem os fatos relacionados a este, bem como a outros eventos descritos na literatura hebraica. Devido à dificuldade de precisar o local da travessia ali descrita e dos lugares a tal evento referido², asseveram se de fato ocorreram ou, ainda, se são apenas fruto de uma linguagem impressionista, mitos com fundo meramente tradicionalista.

Esta pesquisa objetiva fazer uma breve análise lingüística e contextual de textos bíblicos referentes à travessia, bem como a suposta geografia sugerida pelos nomes dos lugares envolvidos com o evento em estudo. Isto com o propósito de identificação geográfica do local específico da travessia, este, chamado no TM de יַם סוּף (*Yam Sûph*), expressão que traz consigo significativas complexidades e uma escassez de informações consideráveis o bastante para proporcionar uma indiscutível localização.³

A apresentação do assunto, porém, não pretende ser exaustiva, reconhecendo, deveras, a amplitude e profundidade do objeto proposto e as limitações humanas, as quais impossibilitam o conceber de uma completa dissecação. No entanto, a análise procurará manter coerência em suas delimitações, buscando assim, encontrar o sentido mais próximo possível do que este deseja em verdade transmitir.

Comumente a expressão יַם סוּף (*Yam Sûph*) tem sido anos traduzida e aceita como Mar Vermelho.⁴ No entanto, com o pas-

¹ Willian Sanford Lasor. *Old Testament Survey, the Message, Form and Background of the Old Testament*. p. 66. ver também: Werner Keller, *E a Bíblia Tinha Razão... : Pesquisas Arqueológicas Demonstram a Verdade Histórica dos Livros Sagrados*. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1960. p. 112.

² John Bright, *A History of Israel*. 2. ed. Philadelphia: The Westminster Press, c1972. p. 120, 122.

³ Siegfried H. Horn, "What We Don't Know about Moses and the Exodus," *Biblical Archaeology Review* 3 (june 1977): 29.

⁴ A LXX assim traduz enfaticamente: Exodus 13:18 "...καὶ ἐκύκλωσεν ὁ θεὸς τὸν λαὸν ὁδὸν τὴν εἰς τὴν ἔρημον εἰς τὴν ἔρυθρὰν θάλασσαν πέμπτη δὲ γενεὰ ἀνέβησαν οἱ υἱοὶ Ἰσραὴλ ἐκ γῆς Αἰγύπτου" John W. Wevers, ed., *SEPTUAGINTA: Vetus Testamentum Graecum Academiae Scientiarum Göttingensis editum*, vol. II, (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1954-1999). A Vulgata também: "sed circumduxit per viam deserti quae est iuxta mare Rubrum et armati ascenderunt filii Israhel de terra Aegypti..." *Biblia Sacra: Iuxta Vulgatam Versionem* (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1983).

sar vários estudiosos têm conduzido este conceito mais à categoria de “antiga tradição”,⁵ aderindo a uma tradução para (*Yam Sûph*) como o Mar dos Juncos.⁶ Segundo estes, supostamente, mais específica e confiável.

Pode-se portanto, com segurança, restringir o termo (*Yam Sûph*) a um específico complexo (corpo) de águas para resolver as demandas relativas a ele? Que visão contextual acerca dele a Bíblia nos permite concluir?

I - OBSERVAÇÕES SOBRE A TRAJETÓRIA EXODAL DE RAMESSÉS ATÉ ETĀ

A princípio será feita uma sondagem do jornada dos filhos de Israel até a penúltima pausa por eles feita antes de chegarem ao (*Yam Sûph*). Estas paradas são sugestivas para uma busca mais precisa do local da travessia.

No ponto de partida do trajeto tem-se a expressão “de Ramessés para Sucot” (12:37). A cidade de Ramessés tem sido largamente atribuída a Herópolis⁷ (se bem que esta visão não é única⁸) sendo hoje, segundo as expedições francesas assim o localizaram, as

“Em sentido restrito de acordo com a moderna geografia, o Mar Vermelho tem cerca de 1490 milhas de comprimento, e largura média de 150 milhas. Na parte setentrional, termina em dois golfos, o Suez e o Acaba, os quais encerram entre si a península do Sinai. O Golfo de Acaba está ao oriente e tem cerca de 100 milhas de comprimento, por 15 de largura. Na parte norte estão as cidades de Élate e Ezion-Geber. O Golfo de Suez a oeste da península tem cerca de 1800 milhas de comprimento por 20 de largura”.

John Davis, Braga J. R. Carvalho, *Dicionário da Bíblia*. 18. ed. -. Rio de Janeiro: JUERP, 1994. p. 382.

⁵ Alan Unterman, *Dicionário judaico de lendas e tradições*. trad. Geiger, Paulo Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. p. 166.

⁶ William Sanford Lasor, *Old Testament Survey, the Message, Form and Background of the Old Testament*. p. 128. (ver também Bernaed F. Batto, “Red Sea or Reed Sea? How the Mistake was Made and What Yam Sûp Really Means,” *Biblical Archeology Review* 10 (July/August 1984): 63, n. 3.

⁷ Robinson’s ‘Bib. Research.,’ vol. i., p. 79; Hengstenberg’s ‘Egipt and Books of Moses,’ pp.47-55 citado por Jamieson, Fausset, Brown, em: *A Commentary Critical, Experimental and Practical on the Old Testament* vol. 1.

⁸ Para uma outra visão sugestiva concernente à possível localização do Ramssés do Êxodo ver Jonh R. Huddleston, “Red Sea,” *The Anchor Bible Dictionary* (ABD), ed. David Noel Freedman (New York: Doubleday, 1992), 5:639. Muito significativa e também esclarecedora, é a proposta feita por Joaquim Azevedo Neto em sua dissertação sobre as palavras Pitom e Ramessés. Ele tanto sugere a localização

ruínas de Abu Keisheid, na região do Wadi Tumilate entre Pitom e o Lago do Crocodilo.⁹ Herópoli também é o nome dado pela LXX ao lugar onde Jacó encontrou-se com José (Gn. 46:28, 29; 47:11.), lugar este que o TM diz ser Gósen.¹⁰ É razoável concluir que ele deveria estar a uma distância média de Zoan (Tânis, segundo ANET 742, - local onde Sal. 78:12 afirma terem ocorrido os sinais poderosos de Deus sobre o Egito) para que Moisés recebesse a ordem do Faraó e voltasse em meio àquela mesma noite para direcionar a saída do povo em forma ordeira. (Ex. 12:51).

Sucote, que também oferece muitas complexidades para uma precisa identificação, é o segundo lugar para o acampamento. Acerca de sua localização tem sido sugerido, enfaticamente, o lugar hoje conhecido como Tel el-Maskutah.¹¹ Alguns estudiosos têm aludido que a palavra trata-se de uma adaptação egípcia Tjku (tkw) uma região ou ainda possivelmente uma cidade localizada em Tel el-Maskutah no Wadi Tumilate.¹²

como também analisa a possibilidade da íntima correlação destes termos como favorecente a um cenário inicial para o desenrolar do conflito cosmológico entre o Deus dos Hebreus e o panteão egípcio. Ver: Joaquim Azevedo Neto, "Éxodo 1:11. Su evidencia textual y arqueológica" *Theologika*, vol. XV, n°2, 2000, p. 230-257. Ver também: Ferdinand O. Regalado, "The location of the sea the israelites passed through," *Journal of the Adventist Theological Society*, 1990. 12 v., v. 13, n. 1, p. 115-133, Jan/Jun. 2002.

⁹ C.F. Keil And F. Delitzsch, *Commentary On The Old Testament In Ten Volumes*, vol.1 (Pentateuch Translated From The German By The Rev. James Martin, B. A.), 1:423.

¹⁰ Sobre a visão septuagíntica percebe-se que no capítulo 46:28,29 onde o discurso é narrativo indireto, os tradutores septuagintos traduzem interpretativamente reconhecendo a terra de Gósen (o melhor da terra) como sendo Ἡρώων πόλιν, os mesmos reconhecem nas palavras de José o local do estabelecimento de Jacó como sendo Ἡρώων πόλιν, a este lugar chamam também Ραμεσση na última parte do verso 28. Quando, entretanto, o discurso reporta a idéia dos próprios personagens falando, i.e, discurso direto, percebe-se o respeito, por parte dos tradutores, pela expressão do personagem, não atribuindo-se, assim, interpretação às suas palavras, reconhecendo, de veras, o lugar tal como os próprios expoentes a expressaram. (46:34; 47:1, 4, 5,) o termo aplicado é sempre Γεσεμ. Isto permite a conclusão de que na visão contemporânea à composição da LXX os tradutores reconheciam Ramssés como a cidade de Herópoli.

¹¹ Freedman, David Noel: *The Anchor Bible Dictionary*. New York : Doubleday, 1996, c1992, S. vol. 6, p. 217.

¹² A. Van Den Born, *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. 2º ed. 528; ver também Anchor Bible, vol. 6, p. 217.

No entanto, é preferível defini-la como sendo, propriamente, um lugar favorável para acampamento,¹³ onde haja espaço apropriado para o armar de cabanas, considerando-a, assim, como uma palavra de origem semita, pois esta mesma construção é encontrada ao mencionar-se o acampamento de Jacó em Gn. 33:17, depois de seu encontro com Esaú “em Sucote”. Interessante que nesta sentença para o acampamento de Jacó o termo aparece com o *he locale* סֹכֶתָה¹⁴ (*sucotah*) o que neste caso, percebe-se pelo contexto, não reside a idéia de que aquele era um lugar que anteriormente tinha esse nome, mas que passou a ter daquele momento em diante.

Isto fornece base para a possibilidade de que o Sucote do Êxodo não deva ser nenhuma cidade já conhecida naquela época por um nome desta natureza ou mesmo derivação desta, pois a estrutura morfológica usada aqui é a mesma usada em Gn. 33:17 referindo-se ao acampamento de Jacó, em ambos os casos aparece o *he locale* (סֹכֶתָה,).

Outra razão que deve ser considerada, neste caso, é a forma especial que o termo סֹכֹת (*sucot*) passou a ter a partir do êxodo, prenunciando um costume festivo em memorial da libertação.¹⁵ Fora instituído como um dia que abria uma semana de festividades nacional: a festa dos tabernáculos, na qual o povo devia acampar em “סֹכֹת” (*sucot*), isto é, cabanas. (ver: Lev. 23:34-42; Deut. 16:13,16; 31:10; 2 Crôn. 8:13; Esd. 3:4; Neem. 8:15-17; Zac. 14:16-18).

Na leitura do verso 17 percebe-se o intento de Deus em guiar os israelitas de modo a evitar qualquer espécie de confronto com outros povos, o que os intimidaria em sua infante jornada ao estabelecimento como nação. Logo, o caminho escolhido, principalmente em seu início fora, seguramente, o mais desabitado possível. Acerca de Sucote, Delitzsch sugere que este estava ao sul da borda ocidental

¹³ *Clark's Commentary and Critical Notes* vol.1 p. 357. Ver também Jamieson, Fausset, Brown, *A Commentary Critical, Experimental and Practical on the Old Testament* vol.1 p. 317.

¹⁴ Segundo G. Johannes Botterweck, Helmer Ringgren e Heinz Josef Fabry, סֹכֶתָה é uma palavra hebraica derivada de “סֹכֶתָה” e aparece 30 vezes no A.T. Em aproximadamente metade das ocorrências refere-se a cabanas. G. Johannes Botterweck, Helmer Ringgren e Heinz Josef Fabry, *Theological Dictionary of the Old Testament*. Vol. X translated by Douglas W. Stott. p. 244.

¹⁵ *Ibidem*, p. 245.

do Lago Amargo.¹⁶ Independente de qualquer definição específica, é provável que o Sucote bíblico, situava-se na região do Wadi Tumilat.¹⁷

Etã é apresentado como o próximo cenário no êxodo onde os israelitas estendem seu acampamento logo após partirem de Sucote. Isto é o que aponta a narrativa bíblica em Êx. 13:20; Num. 33:6. Sobre sua localização e dito que ele se encontrava em בקצה המדבר (*biketsêh hamidbah*) isto é “na borda ou entrada do deserto” e, é claro, um deserto nas imediações do Egito e o *Yam Sûph*¹⁸ (ver Êx. 13:17,18) não à extremidade final e sim inicial em relação ao território egípcio, pois o mesmo nome é mencionado logo depois da travessia como sendo o deserto de Etã (Num. 33:8). Delitzsch propõe que Etã devia estar situado na extremidade sul da base do Lago Amargo.¹⁹ Entretanto, tem sido atribuído por muitos a possibilidade de que o Etã do êxodo deva ser o que hoje se chama de Ajrud, um lugar estratégico para acampamento e largamente usado por caravanas de peregrinos para Meca.²⁰ É notável também que das diferentes rotas à direção leste de Heliópolis, ou para o sul de Herópolis, igualmente reconheçam que o Ajrud seja Etã. Ele está 12 milhas ao noroeste de Suez e literalmente à entrada do deserto²¹. Segundo Ronaldo F. Young Blood, F.F.

¹⁶ C.F. Keil And F. Delitzsch, *Commentary on the Old Testament in Ten Volumes*. Vol.1 Pentateuch Translated From The German By The Rev. James Martin, B. A. p. 40.

¹⁷ Segundo Willian Sanford o Wadi Tumilat era um vale que formava a rota principal para o leste do Nilo. Esta área é usualmente identificada com Gósen, onde os Israelitas se estabeleceram nos dias de José. *Old Testament Survey, the Message, Form and Background of the Old Testament*. p. 128.

¹⁸ “Isto é, o deserto que está entre Egito e o Mar Vermelho (ver parágrafo anterior), não o deserto da península do Sinai. Isto é claro ante os seguintes fatos: (1) A construção gramatical hebraica, como já o fizemos notar, indica o Mar Vermelho como o destino desta etapa da viagem. (2) A construção paralela do v. 17, que diz literalmente “para a terra dos filisteus”, requer que o vs. 18 signifique “para o Mar Vermelho”. (3) Moisés imediatamente designa o “deserto” como aquele ao qual entraram ao sair de Etã (vers. 20). (4) Este é o deserto indicado por Ellen G. White (PP 287, 288)”.SABC. vol. 1, p. 561.

¹⁹ C.F. Keil And F. Delitzsch, *Commentary on the Old Testament in Ten Volumes*, Vol.1 Pentateuch Translated From The German By The Rev. James Martin, B. A. p. 39.

²⁰ Ibid. 42. Ver também: Jamieson, Fausset, Brown, em: *A Commentary Critical, Experimental and Practical on the Old Testament*, vol. 1 p. 323.

²¹ Ibidem.

Bruce e R. K. Harrisson, Etã ficava aparentemente perto do braço oeste do Mar Vermelho perto de Suez .²²

É possível que a palavra Etã seja uma derivação do nome egípcio *htm* significando “forte” ou “fortaleza”, referindo-se, portanto, a lugares espalhados pela fronteira egípcia com o propósito de informar sobre transições à sua costa.²³ Pelo menos em relação a Israel tal propósito fora preciso, pois tão logo os israelitas partiram dali Faraó fora informado que eles não se detiveram a adorar, mas seguiram dali para outro lugar.²⁴ A notícia fora a ele dada com tamanha precisão que o surpreendera, ao invés dos israelitas tomarem a rota natural de comércio que havia entre o Egito e a Arábia,²⁵ caminho mais provável para uma fuga segura, (afinal eles estavam agora a uma curta distância do território egípcio para a liberdade na península do Sinai). Faraó soube que eles tomaram outra direção e, seguramente, a mais intransitável, o que para ele ressoou como a sua grande oportunidade.

II- CONSIDERAÇÕES SOBRE A PALAVRA יָשָׁב A DIREÇÃO TOMADA APÓS ETÃ

Seguindo-se o relato conforme Êxo. 14:2 Deus mandou o povo יָשָׁב “voltar” e acampar defronte de Pi-Hairote, entre Migdol e o mar, diante de Baal-Zefom. A raiz desta palavra é שָׁב (*shûv*) termo citado para a mudança da direção tomada por eles. Seu significado comum é “voltar sobre, votar atrás, retornar”²⁶. Porém, às vezes significa tomar uma nova ou diferente direção. Este é o modo encontrado em Sal. 73:10; Eze. 35:7 e Zac. 7:14. e um sentido desta semelhança é o que deve encontrar-se aqui. Ou seguiriam em direção ao norte ao redor dos lagos Timsah e Balah, direção com sentido mais próximo ao local

²² Ronaldo F. Young Blood, F.F. Bruce e R. K. Harrisson, *Dicionário Ilustrado da Bíblia* 1º ed. Vida Nova, p. 517.

²³ Siegfried H. Horn, *Seventh-day Adventist Bible Dictionary*, (1960), ed. Francis D. Nichol, Vol. 1, p. 562.

²⁴ “No Egito espalhou-se a notícia de que os filhos de Israel, em vez de se aterem a adorar no deserto, iam avante em direção ao Mar Vermelho.” Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*. São Paulo: 15. ed. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1997. p. 283.

²⁵ SABC. Vol. 1, p. 567.

²⁶ Jamieson, Fausset, Brown, em: *A Commentary Critical, Experimental and Practical on the Old Testament* vol. 1 p. 325.

onde haviam saído, ou iriam para o sul o vale Baideah ²⁷ margeado por montanhas íngremes; Gewoube e Atâkah, estendendo-se às praias do Golfo de Suez.

Um dos fatores determinantes para estabelecer a direção tomada por eles, se para o norte ou para sul, são as seguintes reivindicações: 1) o lugar a que se dirigiriam deveria ser espaçoso o bastante para comportar mais ou menos um milhão e meio de pessoas bem como seus rebanhos; 2) deveria também proporcionar um cenário natural onde perceberiam estarem encerrados, impossibilitados de prosseguirem em frente (ver 14:3); 3) deveria ser um lugar em que quando o acampamento deles estivesse estabelecido se estendesse simultaneamente diante de Pi-Hairote, Migdol, Baal-Zefon e o *Yam*.²⁸

A reação de Faraó fornece evidências para a tomada da direção sul, em Êx. 14:3 Deus fala que Faraó concluiria estarem eles desorientados, isto é, tomaram o caminho mais impróprio; e *encurralados*, ou seja, foram para um lugar que não oferecia

²⁷ Shaw, *Travels* p. 310. Citado por Adam Clark em: *Clark's Commentary and Critical Notes* vol. 1 p. 496. É possível que seja este o mesmo vale a que se refira a escritora Ellen G. White no texto citado em Cristo Triunfante pág. 103 como se segue: “Há uma lição da maior importância para nós na experiência dos filhos de Israel ao saírem do Egito. Mais de um milhão de pessoas haviam sido conduzidas *para fora do rumo certo*, como pensavam muitas delas, para um vale margeado de montanhas. Diante deles estava o Mar Vermelho e atrás, em veloz perseguição, vinha o exército de Faraó.” Cf. *Patriarcas e Profetas*. p. 283 “E agora determinou o Senhor a Moisés passar *ao lado de um desfiladeiro rochoso*, e acampar-se junto do mar.” (Ênfase nossa).

²⁸ O leitor atento perceberá que a expressão *Yam Sûph* não ocorre em Êxodo 14, onde aparece somente *Yam*. A conclusão de que ele é o mesmo *Yam Sûph* se dá na estrutura poética do cântico do mar do cap. 15:4 onde num paralelismo sinônimo eles são colocados na mesma equivalência:

מִרְכַבֹּת פְּרַעֲהַ וְחֵילוֹ יָרָה בַיָּם וּמִבְּחַר שְׁלֹשֵׁי טַבְעוֹ
בַּיָּם-סוּף:

a

b

c

A - As carruagens de Faraó e o seu exército lançou no mar;

*b*¹

*c*¹

B - e os seus (de Faraó) escolhidos príncipes afogaram-se no mar Vermelho.
Trad. Pessoal.

O stich A diz que houve o lançar do exército no Yam, enquanto o B reconhece-o como *Yam Sûph*.

margem para fuga²⁹. Assim sendo, impossível lhes seria escapar. Para ele, como mencionado pouco acima, שׁוּב (shûv) ressoou como sua áurea oportunidade de humilhá-los. O cenário proporcionado desde o vale Baideah até a borda do mar em Suez, seguramente, lhe favorecia um convite para tal conclusão.

Para os Israelitas שׁוּב (shûv) afigurou-se algo estranhamente inesperado, eles não só estavam tomando o caminho errado em torno da montanha³⁰ sendo para eles como barreiras intransponíveis, mas também estavam circunfinando-se no território egípcio, como, segundo Jamieson³¹, estavam virando as costas completamente à terra da promessa, lugar para onde, estava proposto, seriam levados.

Se de fato a direção שׁוּב (shûv) tomada pelos israelitas fora a direção sul para as margens do Golfo de Suez, é possível concluir conforme F. Davidson³², que o movimento provavelmente circular pela direita em direção ao sul, fazia parecer frustrar o escape, mas que isso fora designado por Deus, para que, assim, a libertação fosse operada de forma ainda mais miraculosa e viesse a fazer uma destruição ainda maior entre os egípcios.

Conforme mencionado pouco acima o שׁוּב (shûv) tomado pelos israelitas está intimamente ligado aos lugares onde eles acamparam imediatamente antes da travessia, a análise destes lugares mencionados posteriormente ao שׁוּב (shûv) será feita agora de forma breve,

²⁹ A palavra hebraica aqui traduzida como encerrados é סָגַר raiz de onde vem a mesma expressão usada para designar o medo de Jericó quando cercada pelos israelitas “Ora, Jericó estava *rigorosamente fechada* (סָגַרְתָּ da raiz סָגַר) por causa dos filhos de Israel; ninguém saía, nem entrava.” Js. 6:1, também usada em Gênesis וַיִּסְגַּר quando diz que o Senhor *fechou* a porta da arca e somente Ele a poderia abrir (7:16):

³⁰ Que a direção tomada causou uma reação adversa no povo está assegurado nas palavras da escritora Ellen G. White: “A maravilhosa coluna de nuvem tinha sido seguida como sinal de Deus, para prosseguirem; mas agora entre si discutiam se acaso não poderia ela prefigurar alguma grande calamidade; pois que não os havia a mesma conduzido pelo lado errado da montanha, para um caminho intransitável?”. Patriarcas e Profetas, p. 284.

³¹ Jamieson, Fausset, Brown, *A Commentary Critical, Experimental and Practical on the Old Testament*, vol. 1 p. 324.

³² F. Davidson et al. *O Novo comentário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1963. 3 v. p. 131, 132.

pois sugerem mais evidências que solidificam a identificação geográfica do *Yam Sûph* com maior segurança.

Pi-Hairote, se vista como sendo uma palavra hebraica ela deve significar “boca da caverna ou desfiladeiro”,³³ se vista conforme Gesenius e Jablonsky asseveram, trata-se de uma palavra egípcia, *Pi-achi-roth*, o lugar junçoso,³⁴ o Targum traduz sempre como entrada de *Hairote*,³⁵ Delitzsch afirma ser simplesmente *Hairote*, sendo *Pi* apenas um artigo egípcio.³⁶ É válido, no entanto, notar que o termo aparece com duas formas distintas. A primeira *Pi Hairote* em Êxo. 14:2,9; e Num. 33:7, lugar específico onde eles acamparam depois que partiram de Etã, e onde os egípcios os viram quando em sua aproximação Êxo. 14:9. A segunda forma é *Hairote* - aqui há uma omissão do *Pi* no TM (Núm. 33:8) e que foi desconsiderada em inúmeras traduções³⁷ - lugar imediato donde partem ao entrarem no Mar. Sendo assim, “*Pi Hairote*” seria a ‘*boca de Hairote*’ isto é, a *entrada áspera de Hairote*,³⁸ hoje os desfiladeiros de Jebel Deraj, e *Hairote* toda a área desde o vale Baideah do Ajrude até a praia do extremo norte do Golfo de Suez, esta área sendo, portanto, pertencente ao deserto de Etã.³⁹

Migdol, logo que *Pi Hairote* são partes ásperas de *Hairote* e prenunciam as praias do Golfo de Suez, *Migdol* também deve ser encontrado próximo a este lugar.

³³ Jamieson, Fausset, Brown, em: *A Commentary Critical, Experimental and Practical on the Old Testament*, vol.1 p. 325.

³⁴ Ibid.

³⁵ The Aramaic Bible vol. 8, *The Targum Onqelos to Numbers*, translated, with apparatus, and notes By Bernard Grossfeld. p. 156. *The Aramaic Bible* vol. 8, p.37.

³⁶ C.F. Keil And F. Delitzsch, *Commentary on the Old Testament in Ten Volumes*, By Vol.1 Pentateuch Translated from the German by the Rev. James Martin, B. A. p. 42.

³⁷ Ver por ex.: KJV, NJB, ARC, ARA, ACF. No entanto, é digna a observação de que os tradutores da LXX consideraram esta distinção. Em Núm. 33:7 a LXX traduziu ἐπὶ στόμα Εἶρωθ, i.e, “na boca de *Hirote*” referindo-se ao lugar onde foram vistos ao aproximarem-se deles os egípcios. No entanto, ao mencionar o local imediato de onde partiram ao entrarem no mar eles traduziram apenas ἀπέναντι Εἶρωθ “diante de *hirote*” Núm. 33:8.

³⁸ Adan Clark, *Clark’s Commentary and Critical Notes*, vol.1 p. 496.

³⁹ Ibid.

Este Migdol não deve ser confundido com o Migdol mencionado pelo profeta Ezequiel (Ez.29:10)⁴⁰ uma cidade fortaleza que estava situada à extremidade norte do Egito. Mesmo em razão de que este fica numa posição muito próxima ao território da filístia local por onde, o texto menciona, o Senhor evitaria conduzi-los (Êx.13:17,18). Havia pelo menos um outro.⁴¹ Além do mais, restringir a palavra Migdol, cujo sentido é “forte, torre”, a um determinado ponto, cidadela ou fortaleza, seria sem dúvida incorrer num equívoco, desconsiderando assim, a existência de outras torres ou fortalezas espalhadas à extremidade do país, dispostas para informar das entradas e saídas de estrangeiros.⁴²

Não se deve admitir longa distância a estes lugares entre si, isto se percebe pela expressão aplicada a eles. Tal distância deve ser considerável à extensão do acampamento, isto é interessante e muito significativo como também plenamente sustentável pelo texto, pois cada um desses lugares (*Pi Hairote, Baal-Zefon e Migdol*) recebem o termo לפני (lifnê) isto é, “diante de”. Em Êxo. 14:2 הזִּירַת פִּי לפני (lifnê Pi Hairote) e ainda nele לפני בעל צפון (lifnê Baal-Zefon) e em Num. 33:7 לפני מגדל (lifnê Migdol). Portanto estavam a uma distância média que o acampamento conseguia estender-se de forma a que estivessem tanto diante לפני de uma como לפני de outra, no Hairote. O Migdol do Êxodo, deste modo, deve ser encontrado no elevado pico das montanhas do Jebel Atakah (*Hás Atâkah*).⁴³

Baal-Zefon, segundo A. Clark seria, possivelmente, um templo ídolo de onde se tinha lugar uma visão ou contínua vigilância para a defesa de uma parte do céu ou também uma guia

⁴⁰ C.F. Keil and F. Delitzsch, *Commentary on the Old Testament in Ten Volumes*, vol.1 Pentateuch. Translated from the German by the Rev. James Martin, B. A. p. 43.

⁴¹ Ronaldo F. Young Blood, F.F. Bruce e R. K. Harrisson, *Dicionário Ilustrado da Bíblia*, 1º ed. Vida Nova, p. 951.

⁴² William Shea, “Leaving Egypt: Encounter at the Sea,” *Adventist Review*, 11 May 1990.

⁴³ C.F. Keil And F. Delitzsch, *Commentary on the Old Testament in Ten Volumes*, vol.1 Pentateuch. Translated from the German by the Rev. James Martin, B. A. p. 43. Ver também Jamieson, Fausset, Brown, *A Commentary Critical, Experimental and Practical on the Old Testament*, vol.1 p. 325.

para a navegação.⁴⁴ Na descrição conforme encontrada nos comentários de Jamieson, um lugar sagrado em forma de um templo para Tyfon um perverso demônio egípcio que vivia na região desértica entre o Nilo e o Mar Vermelho.⁴⁵

Alguns percebem a forte similaridade dele com a divindade egípcia Baal-zapuna, este era reconhecido como um lugar estabelecido para adoração, “Baal of the north, an Egyptian town on the shores of the Gulf of Suez (Ex. 14:2; Num. 33:7), over against which the children of Israel encamped before they crossed the Red Sea. It is probably to be identified with the modern Jebel Deraj or Kulalah, on the western shore of the Gulf of Suez. Baal-zapuna of the Egyptians was a place of worship.”⁴⁶

Pelos dados analisados até aqui é possível concluir, parcialmente, que a visão proponente para a travessia do *Yam Sûph* como sendo o Golfo de Suez é a que melhor corrobora com as exigências geográfico-textuais encontradas nos registros de Êx. 13-15 e Num. 33, referentes ao assunto em análise.

CONSIDERAÇÕES GEOGRÁFICO-LINGUÍSTICO VETEROTESTAMENTÁRIAS

Até aqui temos feito uma sondagem sugestiva da rota do êxodo sentido *Yam Sûph* Golfo de Suez dentro do contexto imediato de êxodo 13-15 e números 33:8. No entanto, o que mais se pode extrair acerca dele no Velho Testamento?

Das 26 vezes que este termo aparece no AT é possível, a partir de algumas delas, absorver as seguintes informações geográficas às quais ele se refere:

Números 14:25	Golfo de Ácaba
Números 21:4	Golfo de Ácaba

⁴⁴ Adan Clark, *Clark's Commentary and Critical Notes*, vol.1.

⁴⁵ Jamieson, Fausset, Brown, *A Commentary Critical, Experimental and Practical on the Old Testament*, vol.1 p. 325.

⁴⁶ Easton, M.G.: *Easton's Bible Dictionary*. Oak Harbor, WA : Logos Research Systems, Inc., 1996, c1897

Números 33:10	Golfo de Suez
Números 33:11	Golfo de Suez
Deuteronômio 1:1	Golfo de Ácaba
Deuteronômio 1:40	Golfo de Ácaba
Deuteronômio 2:1	Golfo de Ácaba
I Reis 9:26	Golfo de Ácaba
Jeremias 49:21	Golfo de Ácaba

Diante do quadro apresentado acima evidencia-se que na literatura hebraica, seja ela profética, (Jeremias) histórica, (I Reis), ou mesmo mosaica, (Números e Deuteronômio) a expressão *Yam Sûph* aplicada, indiscutivelmente, tanto para o Golfo de Ácaba como para o de Suez impossibilita o identificar do termo em uma forma restritiva para os lagos Balah ou Timsah, se é que houve alguma menção direta deste termo para eles no TM, o que até então se tem concebido por hipotética inferência. Entretanto, prova-se insustentável sugerir que a proposta para o *Yam Sûph* como sendo Golfo de Suez trata-se de um mero equívoco ou até mesmo influência tradicionalista, uma vez que o próprio Moisés referiu-se a ele como tal (Num. 33:10,11).

A hipótese da travessia ocorrida no “mar de Junco” (lago Balah, ou Timsah) tem como um de seus principais argumentos a suposta relação entre o *Sûph* semítico e o egípcio *twf*. Tal argumentação se tem sustentado na tradução de Êx. 2:3 e Isa. 19:6, onde percebe-se uma ligação desta natureza. Nestes textos a palavra *Sûph* fora traduzida como (juncos pantanosos ou juncos⁴⁷). Daí a ênfase de que o *Sûph* semítico seja uma derivação do *twf* egípcio, traduzido como “planta papiro ou papiros juncos.”⁴⁸ O que neste caso, os proponentes desta

⁴⁷ John R. Huddleston, “Red Sea,” *The Anchor Bible Dictionary (ABD)*, ed. David Noel Freedman (New York: Doubleday, 1992), 5:636.

⁴⁸ Thomas O. Lambdin, “Egyptian Loan Words in the Old Testament,” *Journal of American Oriental Society* 73 (1953): 153.

hipótese, têm olvidado é que no livro de Jonas o TM também faz uso da palavra *Sûph* referindo-se ao que chamamos de algas marinhas (Jn. 2:5). Isto favorece à possível aplicação de *Sûph* como, segundo Bernard F. Batto, um termo genérico para as variadas espécies de plantas marinhas.⁴⁹

Ademais, a linha de pensamento aderente ao *Sûph* semítico conexo com o *twf* egípcio tem sido convidada a uma apuração de sua sondagem acerca deste conceito diante da análise argumentativa de alguns expoentes como Bernard F. Batto e William Ward⁵⁰ os quais constatarem significativas dessemelhanças entre o *Sûph* e o *p3-twf* egípcio. Batto é claro em suas conclusões que os hieróglifos egípcios usam um determinativo para indicar a classe do substantivo, e o único para *p3-twf* é sempre planta, ou distrito, mas nunca lago ou água. Conclui-se, portanto, ser preferível considerar a palavra *Sûph* como uma derivação de sua semítica originária פִּיט, isto é, “vir a um fim”.

Digno de nota também é este conceito na maneira como se segue: “o que chamamos de Mar Vermelho era considerado pelos antigos como o mar ao fim do mundo. Muito interessante é que os gregos aplicaram o nome Mar Vermelho não somente para o nosso Mar Vermelho, mas também para o Oceano Índico e, mais tarde quando eles descobriram, mesmo ao Golfo Pérsico... Yam Suf veio a se referir ao Mar Vermelho, porque como os outros povos antigos, os israelitas não distinguiram o Mar Vermelho além para o sul. À maneira como pensavam o Mar Vermelho - Yam Suf - era o mar ao fim da terra.”⁵¹ Este é um posicionamento similar ao de Norman Snaith o qual referiu-se ao Yam *Sûph* como um mar distante e escassamente conhecido ao além para o Sul, lugar que homem nenhum conheceu as bordas. Ele era o

⁴⁹ Bernard F. Batto, “Red Sea or Reed Sea,” *Biblical Archaeology Review*, July-August 1984, p. 57.

⁵⁰ Ward em sua pesquisa comparativa sobre o assunto concluiu que o egípcio *t* não tem igualdade fonética com o פ semítico, a similaridade existente dele concorda normalmente com o פ da língua semita. William A. Ward, *The Semitic Biconsonantal Root SP and the Common Origin of Egyptian TWF and Hebrew SÛP: ‘Marsh (Plant)’ Vetus Testamentum* 24 (1974): 346-47. Para mais informações referentes ao *p3-twf* e sua discutível conexão com o *Sûph* semítico ver: A. Gardiner, *Ancient Egyptian Onomastica* (Oxford University, 1947), 2, pp. 201-202.

⁵¹ Bernard F. Batto, *Biblical Archaeology Review*, July-August 1984, p. 57.

mar ao fim da Terra.⁵²

Estas conotações parecem corroborar com a visão que a LXX faz em I Reis 9:26 onde ela traduz τῆς ἐσχάτης θαλάσσης (*tês echatês thallassês*) isto é, “o último mar, ou o mar da extremidade.” Desta forma, o conceito supracitado não parece ser uma reflexão alienada do pensamento judaico antigo, uma vez que os tradutores da LXX além de considerar o *Yam Sûph* como Golfo de Suez também se reportaram a ele como *o mar da extremidade ou o mar do fim*.

SENTIDO DO YAM SÛPH NA VISÃO NEOTESTAMENTÁRIA

Significativo para um posicionamento mais sólido em relação ao Mar Vermelho (Golfo de Suez) como sendo o ponto da travessia é a análise de antigas traduções especialmente a LXX e sua conexão com os registros neotestamentários, isto devido ao uso similar que estes fizeram da língua grega.

Encontram-se no NT pelo menos três menções diretas à travessia: Atos 7:36; I Cor. 10:1; Heb. 11:29. No que se refere ao comentário descrito em Atos, embora se encontrem algumas variantes entre o discurso de Estevão e os registros relativos a ele no TM⁵³ (é claro que todas estas variantes supostas tratem-se de detalhes periféricos cuja existência em nada altera a historicidade e autenticidade dos eventos ali descritos), é indiscutível a veracidade de cada fato exposto por ele. Dentre estes fatos encontramos a referência direta à travessia, e o nome dado ao lugar onde esta ocorrera foi justamente Ἐρυθρᾷ θαλάσσει⁵⁴ (*Erithra Thálassê*, Mar Vermelho), o mesmo termo encontrado nos registros septuagintos. Em sua dissertação na carta aos Hebreus precisamente no cap. 11:29 o autor desta faz outra menção enfática à historicidade dos eventos que precederam ao momento

⁵² “יַמ־סוּף: The Sea of Reeds: The Red Sea,” *Vetus Testamentum* 15 (1965), pp. 395-98, esp. 397, 398. Ver também G. Ahlstrom, “Joel and the Temple Cult in Jerusalem,” *Supplements to Vetus Testamentum* 21 (1971), pp. 2-3.

⁵³ Russell, Norman Champlin, *O Novo Testamento Interpretado Verso por Verso*. (São Paulo: Editora e Distribuidora Candeia), 3: 138.

⁵⁴ Ver ex. (Êx. 13:18 τὴν ἐρυθρὰν θάλασσαν; 15:4 ἐρυθρᾷ θαλάσσει; Núm.33: θαλάσσης ἐρυθρᾶς; Deut. 1:40 ἐρυθρᾶς θαλάσσης; Jos. 4:23 ἐρυθρὰν θάλασσαν; Sal. 105:7 ἐρυθρᾷ θαλάσσει; Sal. 135:13, 15 ἐρυθρὰν θάλασσαν.

do êxodo em si, bem como a travessia dos israelitas no mar e a morte dos egípcios ao intentarem assim fazê-lo. Aqui o termo grego usado para a definição do ponto onde ocorrera a travessia é também Ἐρυθρὰν Θάλασσαν (*Erithran Thálassan*, Mar Vermelho).

Portanto, as evidências escriturístico-literárias do NT são proponentes, em sua unânime asseveração, que a travessia tenha ocorrido no Mar Vermelho (Golfo de Suez), posicionamentos afins com os testemunhos septuagintos. Assim, o NT fornece base para se crer que se de fato alguns lapsos de tradução ocorra do hebraico para uma outra língua, neste caso a grega, (o que não se pode negar) no que concerne a este fato, pelo menos, a LXX foi feliz em sua tradução.

CONCLUSÃO

Como se fez notar até então, esta análise se propôs a apresentar de maneira breve, porém coerente, a não descartável possibilidade da travessia no “*Yam Sûph*” este sendo o Golfo de Suez. Dentro do que os textos apresentam, seguramente, pode-se constatar que a geografia analisada de forma paralela com as reivindicações textuais não permite concluir que a exclusão do *Yam Sûph* Golfo de Suez seja um resultado inevitável, mas que sua correlação trata-se de uma considerável possibilidade, e isto de maneira categórica, pois que percebe-se não havia na mente mosaica (Núm. 33:10,11), nem tampouco salomônica (I Reis 9:26), a existência de um *Yam Sûph* como sendo um “mar de juncos” específico, tal pensamento, razoavelmente, parece ser estranho não somente a eles como também aos tradutores septuagintos e similarmente aos escritores neotestamentários, os quais, indubitavelmente, reconheceram o *Yam Sûph* como o Ἐρυθρὰν Θάλασσαν (*Erithran Thálassan*, Mar Vermelho).

Continua, portanto, sendo preferível aceitar que a crença proponente para a travessia como ocorrida no Mar Vermelho, não se trata de uma herança tradicionalista que descansa suas bases num equívoco septuaginto, conforme alguns asseveram⁵⁵, mas nos indissolúveis alicerces da unidade bíblica que entre si completam-se e se esclarecem. Isto é, o AT menciona que a travessia tivera efeito nalgum lugar do *Yam Sûph* e o NT afirma que o tal lugar fora o Ἐρυθρὰν Θάλασσαν (*Erithran Thálassan*, Mar Vermelho Golfo de Suez).

⁵⁵ Russell, Norman Champlin, *O Novo Testamento Interpretado Verso por Verso*. (São Paulo: Editora e Distribuidora Candeia), 3: 138.